AUTISMO E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NA ESCOLA

GISELE SOUZA CAMPOS

RESUMO:

Neste estudo mostra-se a importância da educação especial para a formação e desenvolvimento dessas crianças e a influência da estimulação precoce em relação à aprendizagem deste aluno. Os profissionais que trabalham com educação, principalmente aqueles que lidam com os deficientes e especialmente com o problema da integração social, reconhecem que esta questão acompanha o homem desde os primórdios da civilização. O presente artigo analisa a inclusão escolar e traz à tona discussões pertinentes deste novo paradigma social, principalmente para as crianças com deficiência, as quais têm seu processo de desenvolvimento cada vez mais estudado. Tem como objetivo verificar de que forma os processos pedagógicos desenvolvidos nas classes regulares são participativos a ponto de incluir os deficientes.

Palavras-chave: Deficiência; Intelectual; Formação; Autismo; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A deficiência intelectual tem desafiado a escola comum no comprimento de seu dever de ensinar o que acomete uma dificuldade por parte dos alunos com necessidades educacionais especiais e principalmente o aluno com deficiência intelectual na aprendizagem da leitura e da escrita.

Embora, a educação social faça uma experiência em deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso, pois, podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para outro ou no transcurso do tempo. O ser humano é um ser que dá significado às coisas do mundo e deriva significados delas, ou seja, para nós, as coisas do mundo se experimentam significativamente.

A experiência relaciona-se à capacidade dos seres humanos para dotar de significado e sentido o relato de suas próprias vivências. Neste sentido entende que, se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Logo, permanece ao professor o desafio de tornar as práticas educativas mais condizentes com a realidade, mais humanas e, com teorias capazes de abranger o indivíduo como um todo, promovendo o conhecimento e a educação.

Esses tipos de escolas que mantém um modelo conservador e tradicional de ensino acabam por acentuar a deficiência, aumentando a inibição e reforçando os sintomas existentes que agravam as dificuldades dos alunos com deficiência intelectual é o que diz a Organização Mundial de Saúde - OMS de 2001 e a Convenção da Guatemala.

A deficiência Intelectual não pode e não deve nunca predeterminar qual será seu limite de desenvolvimento e de aprendizagem do aluno. A educação do aluno com deficiência Intelectual deverá atender suas peculiaridades e suas especificidades sem se desviar dos princípios básicos da educação proposta às demais pessoas.

Os professores, nos dias atuais, se deparam em sala de aula com alunos que apresentam problemas de aprendizagem os quais dificultam o desempenho escolar e a aquisição de conhecimento dessas crianças. É necessário destacar que nem todas as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a problemas neurológicos.

Tendo em vista que a maioria dos professores que atuam na educação básica não possui uma formação em educação especial, é possível que os alunos com algum tipo de deficiência não tenham o mesmo atendimento que os demais estudantes. Neste caso, eles são apenas inseridos no espaço escolar, porém não desenvolvem o aprendizado a que têm direito. Os docentes que atuam na educação básica, na sua grande maioria, não possuem formação alguma em educação especial, dificultando assim o atendimento aos alunos com algum tipo de deficiência, não sendo possível o oferecimento de atendimento adequado e igualitário que os demais estudantes recebem. Eles são apenas inseridos no espaço escolar, porém não desenvolvem o aprendizado a que têm direito.

O AUTISMO

É possível perceber na criança com a síndrome, alterações na afetividade, ausência de interesse no ato de brincar, dificuldade na fala, pois o comportamento desta criança pode interferir no seu desenvolvimento prejudicando sua interação com o meio social no qual está inserida.

De acordo com Cunha (2009), o autismo "é uma síndrome resultante de causas ainda desconhecidas, porém a genética tem grande importância ao que se diz na manifestação do autismo". É um transtorno complexo com sintomas e quadros comportamentais distintos e seu tratamento pode ajudar, mas essa síndrome não tem cura,

O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grande contribuição de fatores genéti-

cos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce (CUNHA, 2009 p.19).

Muito se fala, muito se escreve e muito se divulga sobre o autismo e, no entanto, boa parte das pessoas ainda não sabe ou compreende com clareza do que se trata exatamente. São muitos os que também não conseguem identificar uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para que se possa compreender de forma clara este conceito, é preciso compreender outros termos similares que envolvem está dificuldade ou anomalia.

O psiquiatra Austríaco radicado nos Estados Unidos Leo Kanner, publicou um livro sobre seus estudos intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of affective contact), definindo o termo Autismo, no qual o autor cita algumas das características da pessoa portadora dessa anomalia.

Kanner com essa primeira publicação de (1943), ressalta que o sintoma fundamental deste, “o isolamento autístico”, encontrava-se presente na criança desde o início da vida indicando que se tratava então de um distúrbio inato. Crianças apresentavam um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominando-as de “autistas”.

“O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas” (CUNHA, 2013, p.20).

Ainda segundo Cunha (2013), o termo "autismo" deriva do grego 'autós', que significa "por si mesmo" e, "ismo", condição, tendência”. Assim, é possível afirmar que o autismo ou “autista” é um assunto bem complexo, conhecido cientificamente como TEA (Transtorno do Espectro Autista), é um tema que traz muita reflexão e preocupação no meio educacional em todo o mundo. Isso ocorre quando o indivíduo necessita de uma análise particular ao ser apresentado a alguns aspectos básicos que possam caracterizar o Autismo.

O TEA, como o próprio nome aponta, é um “espectro”, ele determina uma condição de uma complexa e consequente desordem que ocorreu no desenvolvimento do cérebro da pessoa. Isso significa que várias condições ligadas ao autismo foram englobadas em um único diagnóstico, assim, fazem parte do TEA o autismo propriamente dito, a Síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno generalizado do desenvolvimento não especificado (PDD-NOS).

O PROCESSO DE INCLUSÃO

Ensino e de aprendizagem não se dissociam, pois traduzem a completude do aprendiz e do mestre. Pensar sobre aprendizagem requer o conhecimento do desenvolvimento humano, principalmente ao longo da escolarização, desde a primeira infância, tendo como eixo norteador de todas as teorias a importância da interação para o desenvolvimento social, cognitivo, biológico e emocional do ser.

Para Piaget (1977), os fatores biológicos interferem no desenvolvimento mental, sendo que a partir do meio o indivíduo efetiva seus processos de aprendizagem, seguindo o que denominou etapas do desenvolvimento cognitivo: sensório motor, préoperacional, operacional concreto e operacional-formal, expressos nos processos progressivos de esquema, assimilação, acomodação e equilibração. Sendo que:

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico; como este, orientasse, essencialmente, para o equilíbrio. (PIAGET, 1974, p.13).

Acredita-se, no entanto, que haja um forte componente genético, uma vez que irmãos de autistas têm uma chance até 25 vezes maior de também serem portadores do transtorno. Entende-se também que fatores ambientais possam ter alguma interferência na gênese do TEA. De uma forma geral, os sinais do TEA relacionam-se a três áreas mais dominantes:

Marques (1993) Afirma que o autismo é uma doença rara manifestada uma vez em 1200 nascimentos. Contudo já atinge uma porção considerável, tendo-se estimado em 1997, em aproximadamente 500.000 pessoas seriam atingidas por essa patologia só nos Estados Unidos da América. Por outro lado, a taxa de incidência parece ser quatro vezes superior no sexo masculino. Contudo não parece ter qualquer associação conhecida com aspectos racial, social, econômicos ou culturais. No entanto é possível que haja alguma associação genética com determinadas formas de autismo, sendo que teorias envolvendo a influência do comportamento dos pais e do meio familiar, foram fortemente desacreditadas (DUNLAP, PIERCE & KAY. 1999, p. 3).

A criança autista apresenta inúmeros problemas principalmente os relacionados à linguagem, a inabilidade para interagir socialmente com os outros terminam que ficando isolado da sociedade, para evitar maiores prejuízos no processo de aprender a aprender deste indivíduo, o educador deverá proporcionar atividades focadas diretamente para esse público, onde possa envolver a criança no processo de aprendizagem significativa, motivando e estimulando-os continuamente.

Neste sentido, o objetivo deste estudo é discutir sobre a criança autista na escola e o processo de aprendizagem, neste foco compreende-se que o autista precisa ser auxiliado para então superar as dificuldades de comunicar-se que é o maior problema que envolve esse transtorno. Assim, o profissional deve ser um mediador de todo processo intelectual da criança, oferecendo-lhes diversas oportunidades para desenvolverem-se simultaneamente as habilidades e competências.

Assim, este trabalho mostra o quanto é importante estimular a linguagem e a intelectualidade dos alunos autistas, tendo em que o Déficit de desenvolvimento Autismo é um processo complexo e que diante das exigências da educação é um grande desafio incluir a criança autista no processo de aprendizagem juntamente com os demais ditos normais. Pois, corresponde ao educador abrir espaço para a inovação, para o repensar em práticas que favoreçam o autista como também os demais alunos, incluindo todos numa aprendizagem diferenciada compreendendo-os e auxiliando-os em de forma contínua, promovendo a sociabilidade entre os alunos e grupos sociais.

Sabe-se que o processo de ensino-aprendizagem em si já é bastante complexo para uma criança compreender, quanto mais quando um ser humano não apresenta, ou não tem certas habilidades e competências de aprendizagem para desenvolver esse processo, quando não compreende o outro, não sabe interagir, comunicar ideias, socializar sentimentos e emoções.

O autista apresenta ser uma criança normal fisicamente, porém é impossível não perceber os sintomas na sala de aula pois, apresenta incapacidade de falar ou não se comunica quase nada, repete constantemente falas de outras pessoas, na maioria são agitados, bem possessivos, contato visual deficiente, tem bastante dificuldades para se concentrarem, não prestam atenção, tem grande facilidade de distração, não brincam com os demais, ignoram o que o outro fala, sente falta de interesse e curiosidade principalmente em aprender e etc. São fatores marcantes no autista.

Assim, os educadores tinham grande capacidade de lidar com a criança autista, todos estavam preparados para desenvolver metodologias adequadas, promovendo o envolvimento, a socialização e a participação do autista nas atividades, compreendiam a forma de relacionamento deste com o outro e com o próprio mundo, valorizavam as diferenças e a particularidade de cada um e assim todos aprendiam. Sabe-se que o indivíduo autista pode desenvolver certas habilidades mais para isso é preciso descortinar uma educação onde focaliza as dificuldades como ponto de partida para alcançar o sucesso.

É fundamental que o profissional conheça a relação da criança com determinado conteúdo, o que é significativo, o que mais gosta de fazer, brincar para então executar qualquer proposta educativa. Vale ressaltar que quando a criança autista chega à escola, ela é desafiada a conviver num ambiente diferenciado e que precisa aprender a viver em sociedade, bem como enfrentar determinadas propostas, pois, não tem habilidades para realizar determinadas atividades deixando-as ainda mais desmotivadas. Assim a atividade lúdica entra como um diferencial para inserir o autista no grupo e aprender com os demais.

São inúmeros os problemas da criança autista, muitas vezes qualquer som, barulho logo tira a atenção e perde o foco do que está fazendo, outro autista tem comportamentos agitados levando ao fracasso escolar e a exclusão social. Quanto às incapacidades de relacionamento com o outro, a criança autista pode ter sérios problemas que podem gerar brigas e exclusão deste com o grupo, por não conseguir fazer socialização interpessoal com os demais.

Para a criança com TEA, o ato de brincar passa a ter uma abordagem em que essas crianças podem usar a função do corpo para expressar uma emoção inerente para alcançar a comunicação interativa, estabelecendo assim habilidades interpessoais e promovendo a adaptação social (TSENG; TSENG; CHENG, 2016). No entanto, dado que estão limitados pelas dificuldades de interação e comunicação, as crianças autistas geralmente jogam sozinhas, raramente interagindo com outras pessoas. Assim, seus padrões de brincadeiras tendem a ser bastante fixos e repetitivos.

Nada ilumina mais o cérebro tanto quanto o ato de brincar. Brincadeiras tridimensionais ativam o cerebelo, que mandam vários impulsos para o lobo frontal, o que ajuda o desenvolvimento da memória contextual (GURUPARENTS, 2015; NATIONAL INSTITUTE FOR PLAY, 2017). Das primeiras experiências do ato de brincar, as crianças aprendem a compreender a linguagem corporal, o contato visual, a atenção conjunta, a iniciação, a partilha, a resolução de problemas e as habilidades de referência. O ato de brincar ajuda as crianças a desenvolverem habilidades importantes que precisarão para o resto de suas vidas.

O National Institute for Play é uma instituição de pesquisa sobre o Ato de Brincar (2017). É uma corporação sem fins lucrativos de benefício público comprometida em trazer o conhecimento, práticas e benefícios do ato de brincar na vida do ser humano. Fundado pelo Dr. Stuart Brown, formado em Psiquiatria e Pesquisa Clínica. Ele descobriu pela primeira vez a importância do jogo discernindo sua ausência em um grupo cuidadosamente estudado de jovens homicidas, começando

com o assassino em massa da Torre da Universidade do Texas, Charles Whitman. Mais tarde, tornou-se diretor clínico fundador e chefe de Psiquiatria no Mercy Hospital e Medical Center e professor associado na UCSD em San Diego, Califórnia.

Ao longo de sua carreira clínica, ele entrevistou milhares de pessoas para capturar seus perfis de brincadeiras. A catalogação de seus perfis demonstrou a presença ativa do ato de brincar nas realizações das consequências negativas muito bem-sucedidas e igualmente identificadas que se serial killers acumulam inevitáveis em uma vida privada do ato de brincar. Ao se falar em assassinos, dentre outros, muito se fala na criação violenta que tiveram, muitos foram vítimas de agressões, inclusive de cunho sexual.

Pouco se falava, entretanto, na falta do brincar na vida dessas crianças. Numa das pesquisas do Dr. Stuart, os pesquisadores programaram ratazanas para que, num determinado período de sua infância um grupo brincasse e outro grupo ficasse privado do ato. Depois, ambos os grupos foram expostos a uma situação de estresse e ambos fugiram e se esconderam. Entretanto, o grupo que foi permitido participar do ato de brincar, mesmo com medo, saiu do esconderijo lentamente para explorar o ambiente e verificar se estavam fora de perigo. O outro grupo permaneceu acuado e escondido até morrerem. Os pesquisadores concluíram que o ato de brincar é muito útil para a nossa sobrevivência.

DESENVOLVENDO INCLUSÃO

Todo o ambiente de aprendizagem se compõe de elementos de oposição e fatores facilitadores. Relatar um problema ou obstáculo é fundamental ao professor de aprendizagem. Nos registros que faz de cada contexto estarão as observações que representarão pontos de melhoria. O exercício dessa prática, porém, é terreno minado para ele quando essa leitura é imprecisa, pois desencadeará ações com alto risco, sendo imprecisas porque teriam sido coletadas com ferramentas igualmente imprecisas. Daí a importância de atrelar a eficácia do processo à eficiência da coleta de dados a partir de metodologias apuradas – por sua vez, alheias à formação do profissional, e pertinentes a esferas de conhecimento que ele não domina (FONSECA, 1995, p. 131).

Para Freire (1997), não há para mim, na diferença e na "distância" entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se ", pois ao criticizar-se, tornando-se então, permito me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente "rigorizando-se" na sua aproximação ao objeto, conota-se seus achados de maior exatidão (FREIRE, 1997, p.17).

A prática de ensinar para Freire (2005):

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 2005 p. 38).

Segundo Freire (1996), a necessária promoção da ingenuidade a criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, as vezes ou quase sempre, a deixar dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos (FREIRE, 1996. p.18).

Segundo Garcia (1998), no quadro atual da educação, muitas crianças apresentam dificuldades no aprendizado da leitura, escrita e até mesmo na aprendizagem dos conceitos matemáticos, dificultando assim seu rendimento escolar. Diante dessas dificuldades, as crianças se deparam com o fracasso passando a desenvolver diversos problemas emocionais, passando a acreditar que são incapazes de acompanhar o processo de ensino e aprendizagem apresentado pelos professores que fazem parte do seu cotidiano. (GARCÍA, 1998, p. 33).

Por vezes também, essas crianças visitam vários profissionais, de diferentes áreas para passarem por avaliações que acreditam ser suficientes para concluírem quanto à sua dificuldade no processo de ensino e aprendizagem. Muitos fatores podem favorecer situações que desencadeiam as dificuldades de aprendizagem: os fatores emocionais, os fatores físicos ou sensoriais, os de deficiência na linguagem, a falta de estímulos apropriados para a aquisição da base alfabética, dislexia, entre outras.

Segundo Oliveira:

Os problemas de aprendizagem sur-

gem por meio de uma associação de causas. Quando a dificuldade de aprendizagem está relacionada à escola, o motivo pode ser a metodologia utilizada, motivação escassa, relacionamento professor-aluno, a necessidade de uma adaptação curricular, entre outros. Alguns alunos vêm para a escola com diversas deficiências, com níveis de maturidade desiguais ou inferiores ao que se espera em sua idade cronológica. Muitos trazem uma bagagem cultural, social, intelectual, neurológica muito defasada em relação aos seus companheiros, e isto se constitui em desvantagens cruciais para a aprendizagem da leitura, escrita e cálculo (OLIVEIRA, 2009, p. 120).

Crianças que apresentam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, em sua maioria demonstram problemas emocionais, enfrentam momentos de tristeza e ansiedade, e apresentam desinteresse pela aprendizagem, chegando até mesmo a se isolar. Porém, com atendimento apropriado e atividades psicomotoras adequadas, as dificuldades de aprendizagem existentes podem ser superadas. Pain afirma:

Os fatores ambientais interferem muito, como a questão da nutrição e da saúde da criança, bem como a criança que não dorme muito bem, ou seja, o necessário. Uma carência alimentar tanto quantitativa quanto qualitativa pode ocasionar em déficit alimentar crônico e que acarreta em distrofia generalizada, afetando sensivelmente a capacidade de aprender. [...] essas perturbações podem ter como consequência problemas cognitivos mais ou menos graves, mas não configuram por si sós um problema de aprendizagem. Se bem não são a causa suficiente, aparecem, no entanto, como causa necessária (PAIN, 1989, p. 29).

AÇÕES QUE AFETAM O APRENDIZADO DO EDUCANDO

Os cursos de graduação devem focar sua atenção na necessidade de prevenção à violência. Para isso, devem oferecer aos futuros profissionais de educação os recursos psicopedagógicos específicos que os habilitem a uma atuação eficaz em seus locais de trabalho para que eles utilizem metodologias estimuladoras do diálogo como forma de resolução de conflitos; que promovam a solidariedade e a cooperação entre os alunos, criando com isso um ambiente emocional que incentive a aceitação e o respeito às diferenças inerentes a cada indivíduo; que promovam a tolerância nas relações interpessoais e socioeducacionais (FANTE, 2005, p. 169).

Mas nem tudo é tão fácil assim. Temos em muitas escolas alunos rebeldes que querem aparecer, pois em casa são abandonados pelos seus pais e na escola veem um lugar no qual podem aparecer como fortes e temidos e, com isso, aterrorizam àqueles alunos comportados, que não gostam de participar de confusões e se tornam alvos desses valentões. Por outro lado, temos alunos que têm medo de denunciar as agressões que sofrem, por sentirem que podem ser os próximos alvos das agressões por eles observadas. Para Elias (2011):

Todo cuidado é pouco, pois se trata de uma realidade complexa e multidimensional. O tema requer um conjunto de medidas, ações integradas e de iniciativas articuladas implementadas de acordo com um plano. Não há soluções mágicas, mas é possível avançar muito na prevenção desses eventos e na educação para convivência (ELIAS, 2011 p, 10).

Caso os educadores e gestores escolares fossem preparados para tais situações, muitas coisas poderiam ser evitadas ou nem mesmo acontecer. Há, portanto, a necessidade de que a escola tome atitudes preventivas, tentando impedir que um

"simples" ato de preconceito não se transforme em um assassinato em massa. Lopes Neto (2005) alega que: "outro grande desafio das escolas é a forma como os professores e funcionários intervém efetivamente sobre os atos de bullying. Além das dificuldades para a identificação, o pessoal pode falhar no uso de recursos apropriados para resolver os conflitos à medida que surgem" (LOPES NETO, 2005, p.82).

Incutir a culpa em alguém se torna algo secundário, se nos atentarmos que o verdadeiro problema seria descobrirmos o que fazer para mudar tal horizonte e como fazermos com que nossas escolas passem a serem vistas novamente como lugar seguro e que merece a confiança de todos. Para Fante (2005):

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola inclusiva tem o dever de atender a todos os educandos, independentemente de suas diferenças ou limitações, atendendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. A educação inclusiva tem como fundamento principal a valorização da diversidade de cada indivíduo. O processo de inclusão busca o rompimento com os preconceitos sociais e a manutenção de uma sociedade mais justa, mais segura, que possibilite uma interação social significativa e de qualidade.

Uma importante Resolução presente nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CEB nº 2/2001, em seu artigo 2º, determina que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições neces-

sárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001, p.1).

Diante disso, o mais importante é que os alunos sejam orientados para a realização de atividades de leitura, que despertem o seu senso crítico e principalmente desperte o gosto e estimule o hábito da leitura uma vez que formar um leitor crítico requer uma prática constante de leitura crítica:

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76).

Portanto, formar o leitor crítico é uma necessidade de se construir cidadãos também críticos, para lutarem por seus espaços na sociedade e no mercado de trabalho, sendo autônomos e realizando seus ofícios com eficiência. Conclui-se depois de analisar e verificar a constituição, que à gestão democrática, nos estabelecimentos públicos, foi objeto de grande discussão durante a formulação da Constituição Federal de 1988, pois vem sendo inserida e regulamentada em infra legislações, em que se indica que deve ser feita pela participação da comunidade escolar na gestão da escola, por meio dos Colegiados Escolares e Instituições Auxiliares.

A escola inclusiva deve possibilitar a entrada e a permanência de todas as crianças, inclusive aquelas com necessidades especiais, pois todas têm direito à Educação no ensino básico e regular. Espera-se que a criança com deficiência, que passa a conviver no ambiente escolar deixe de ser discriminada e passe a ser acolhida, contribuindo assim para a construção de um espaço inclusivo e democrático na Unidade Escolar a qual faz parte.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F Integração Social do Deficiente: Análise Conceitual e Metodológica - Temas em psicologia. São Paulo: Memnon, 1979.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de Morais Ramos. Psicologia na educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

ELIAS, Maria Auxiliadora. Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

FANTE, Cléo. BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR. Disponível em.

Acesso em 26 de maio de 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, J.N. Manual de dificuldades de aprendizagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying: saber identificar e como prevenir.

São Paulo: Brasiliense, 2011.

MELO, L. L; VALLE, M. O Brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. Psicologia Argumento. USP, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, A. A. S.; LEITE, L. P. Escola inclusiva e as necessidades educacionais especiais.

OLIVEIRA, D. E. M. B.; ROCHA, M. S.; FIGUEIROL, M. M. T.

Ressignificando o contexto escolar para a construção de alternativas que atendam a alunos com dificuldades de aprendizagem. In: MARQUEZINE, M. C. et al. (Org.).

Inclusão. Londrina, PR: EDUEL, 2003.

PAÍN, S. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. 4ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1992.

Piaget, Jean. Seis estudos de psicologia. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.